

# PÃO DE AÇÚCAR

Copyright © 2018, Afonso Reis Cabral  
e Publicações Dom Quixote

Published by special arrangement with The Ella Sher Literary Agency and Villas-Boas & Moss  
Agência e Consultoria Literária

Copyright da versão brasileira © Casa dos Livros, 2021

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora  
LTDA.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta  
obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em  
qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem  
a permissão do detentor do copyright.

*Diretora editorial:* Raquel Cozer

*Editora:* Diana Szylit

*Revisão:* Gabriela Castro e Laila Guilherme

*Ilustração da capa:* Odilon Moraes

*Design da capa:* Gabriela Lissa Sakajiri e Felipe Rosa

*Projeto gráfico:* Gabriela Lissa Sakajiri

*Diagramação:* Anderson Junqueira

*Ilustração da p.14:* © Zé Maria Souto Moura

*Produção de ebook:* S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cabral, Afonso Reis

Pão de Açúcar / Afonso Reis Cabral. —

Rio de Janeiro : HarperCollins, 2021.

256 p.

ISBN 9786555110807

1. Literatura brasileira 2. Violência urbana

3. Homofobia I. Título.

20-3709

CDD B869

CDU 82(81)

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da  
HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — cep 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

# SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Nota antes](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

Nota depois

Agradecimentos

Glossário

## NOTA ANTES

Rafael Tiago, um tipo pouco mais novo do que eu, muda pneus, arranja motores e malha chassis. O óleo dos travões, engrenagens e sistemas hidráulicos embebeu-se-lhe na pele como uma tatuagem, espécie de *mehndi* na mão esquerda. Ele deve ter vergonha porque passa a vida a coçar-se para ver se aquilo sai. Está farto de afinar sistemas de injeção e de seguir as ordens do superior, aperta aqui, enlaça ali, e quer mudar para marcenaria porque diz que Jesus era carpinteiro e ele admira muito Jesus. Fico com a ideia de que acha Cristo um outro Churchill.

Aparenta muito mais de vinte e tal anos. A puberdade atingiu-o em cheio à nascença e daí para cá deteriorou-se. Resta saber até que ponto isso é físico. Conheço alguém que aos doze fumava às escondidas para aliviar os nervos e queria arranjar uma caseirinha que um dia lhe lavasse a roupa — não é de espantar que já tivesse cara de velho. O Rafael também lembra um velho encaixado à força num corpo de jovem, o que é natural, se pensarmos nas circunstâncias.

Conheci-o num dia em que granito, asfalto e cimento assentavam na cidade como a primeira neve. Só no Porto tanto feio e tanto betão se parecem com uma coisa bonita, o que vale de pouco, já que o encanto acaba quando bate o sol. Pelo menos o sol não bate assim tantas vezes.

Eu participava num encontro com leitores na Biblioteca de São Lázaro, irritado por em breve ter de atravessar o nevoeiro que o rio

largava entre a Ribeira e o Cais de Gaia, quando ele apareceu com um envelope estendido.

Não foi o primeiro. Chegam pedidos ao e-mail, gente com história de vida, gente sem história de vida, gente com títulos como *Crónicas de um espermatozoide* ou *De faxineira a doutora*, e volta e meia nas sessões de escritor-caixeiro-viajante alguém estende um envelope e pede, como o Rafael, se posso lê-lo. No assunto põem “Fazer um livro”, depois explicam “Ou seja, todo o meu percurso histórico, dos meus amores e projetos de desenvolvimento e outros, porque eu vou fazer anos no dia [tal] e acho que mereço o que há muito ando a sonhar”, e terminam com “Peço-lhe por favor”. O por favor é mais ameaça do que súplica, corda à volta da garganta: quem és tu para ignorares a nossa alegria, o nosso sofrimento?

O sobrescrito do Rafael ficou esquecido na secretária. Deitava-o fora quando reparei numa dedada suja por cima do remetente. A carta começava com “Às vezes, a vida é uma coisa tão bela que choro de ternura e não ligo ao que dizem”, seguindo-se muitas linhas em branco antes de uma lista de coisas bonitas.

Parafraseando, porque ele nunca a escreveria assim:

A canção que o senhor António assobia de manhã enquanto o Rafael bebe café.

A Júlia que serve às mesas, com olhos que lhe apetece arrancar de amor. Ainda são novos e seriam bons um para o outro.

O vento enfileirado nas ruas, a agitar os espanta-espíritos pendurados nas varandas.

Discussões entre namorados que acabam em nada ou em beijo.

Crianças que pedem atenção.

Pneus a rolar pela estrada.

Donos de cães que apanham a merda quente com sacos que mal lhes cobrem as mãos.

E até o arrancar de um motor arranjado por ele.

A primeira página terminava com “Isto são só as coisas que vi hoje e gosto de as apontar porque é fácil esquecer o que há de bonito na vida”.

A lista lembrou-me Eva Aurora Santos, mulher de pelo menos cem anos que um dia entrou no meu carro e exigiu, a bengaladas, que a levasse à Segurança Social. “Arranca lá, que tenho pressa.”



No caminho descreveu como gostava de pão com marmelada e como eram ácidas e doces as laranjas que cresciam lá na terra. Deixavam suco pegajoso nos dedos. Mas as belezas preparavam o golpe, escondiam a confissão.

Voltávamos da Segurança Social quando me disse que a filha era pequena, mulher, e ele grande, homem. Não havia escapatória: assim que ele entrou em casa e a prendeu no quarto de banho, já decidira o que fazer dela. A filha era forte como uma chama, mas ele sacou da faca e apagou a chama pela garganta.

Mal Eva entrou no carro, embora primeiro só falasse de doçuras, eu soube que trazia consigo uma história. Quanto ao Rafael, só tive essa intuição ao ver a dedada de óleo no envelope.

Encontramo-nos num café do Carvalhido que eu frequentava por espírito de combate, já que o cheiro das casas de banho nunca acalmava. Pensei que ele ficaria mais à vontade num sítio desses.

Calculei que chegasse atrasado — e afinal até podia desistir. “Marcamos no sábado à tarde por causa da oficina.” Nem ele nem eu sabíamos ao que íamos. Eu esperava que a lista de coisas bonitas escondesse um grande horror; ele esperava que a minha escrita realçasse a beleza, o tal chorar de ternura e não ligar ao que dizem.

Mas chegou a horas. Trazia uma pasta de onde saíam papéis em desordem, amálgama de apontamentos, recortes de jornal, peças processuais e ditos em desconjunto. “Tens aqui isto. É tudo o que me lembro, e mais as notas que juntei.” Tomamos café. Nunca tirou o capuz, mas sempre que levava a chávena à boca eu via o brilho de um brinco de feira. Quase não falamos.

No fim, dei-lhe *O meu irmão*, cada vez mais moeda de troca do que romance, e ele disse-me que só lia o desportivo, mas reconhecia a importância dos livros.

Nos dias seguintes procurei dar sentido aos papéis, mais ou menos como conversar com o casal que exige justiça à porta da Procuradoria-Geral da República.

Com espanto, percebi aonde o Rafael queria chegar e soube que me oferecia tudo o que eu procurava: a colisão de mundos em perigo, o conflito dos intervenientes com ele no centro, a problematização do corpo, as consequências da miséria, essa palavra que já não se usa mas



ainda se aplica, o equilíbrio entre o desespero e a esperança. Quer dizer, nada de especial.

A partir daí, pesquisei os acontecimentos a fundo.

Li o processo judicial sem parar, como se dissesse respeito a alguém próximo. Fatos provados, ponto 10º em diante, o espaço “húmido, escuro e inóspito, onde quase ninguém passa”; pontos 23º a 94º, resumo da semana de 15 a 22 de fevereiro; frases como “estado de enfermidade agravado”, e íntimas como “queria um cigarro e paz” ou “chegando inclusivamente a confeccionar-lhe refeições no local”.

Estudei a imprensa que explodiu por essa altura. Doze anos depois, ainda produz uma ou duas peças sobre o assunto. Excertos como: o parque contribui para a segurança do local / era frequente serem vistos à noite / pode dar pano para mangas se os advogados quiserem complicar / vai ser transformado em centro de apoio a empresas, clínica médica e clube de saúde.

Mais importante, meti-me ao trabalho de campo sem o qual um livro como este não se escreve: forcei a entrada no cenário principal, entrevistei amigos e conhecidos daquela gente, consultei o boletim meteorológico do Instituto Português do Mar e da Atmosfera relativo ao mês em causa, fui aos bares e abordei pessoas em cafés, pelas sete e meia da manhã.

Depois baralhei com ficção, que é como se faz um romance.

Encontrávamo-nos sempre que calhava ir ao Porto. Para qualquer urgência usávamos o telemóvel. Ele respondia com poucas palavras, mas tão bem escolhidas que encaixavam em cheio onde eu as queria pôr.

No ano passado vimo-nos no Carvalhido pela última vez. “Está tudo pronto”, disse-lhe. “A história é tua, como se fosses tu a contá-la, mas eu escrevo-a por ti.” Ele baixou a cabeça, como a entregar o cachaço, livre de lisonja ou vaidade. Só queria que eu contasse os acontecimentos tal e qual — mais nada lhe interessava. Talvez julgasse que pôr a história no papel a tiraria do peito, de onde na verdade ninguém a arranca. Mas isso não lho disse.

Nas despedidas insistiu que se queria livrar da oficina, e coçava-se mais e com mais força. Assegurei-lhe que um dia subiria a marceneiro, sem dúvida, mas claro que nunca vai sair daquilo e só a morte lhe apagará as tatuagens do óleo. E é mais do que merece.

Copyrighted image

# 1

Procurávamos as zonas sujas da cidade. Chamávamos-lhes assim. O Néilson preferia falar de sítios proibidos, mas o Samuel descartava o termo porque não eram sítios nem eram proibidos, e se o Néilson e eu destruíamos, ele destruía e criava.

Tínhamos quase a mesma idade, e no entanto abrira-se um sulco entre nós: o Néilson e eu de um lado, o Samuel do outro, meses mais velho, dono do lápis de carvão e sobretudo dono de como usá-lo. Andava com este lápis gasto e com o bloco que pedinchara à mulher da papelaria (ela cedeu e disse “Toma lá e não faças disparates”, mas quantos disparates podia ele fazer com um Canson 120 g?).

Eu fingia não perceber os impulsos — dizia-lhe que era coisa de paneleiro, de gente rica, de lerdos, e impressionava-me ele responder sempre, com raiva de pugilista às cordas, “Isso achas tu, caralho”. Mais do que os meses que nos separavam, punha-se entre nós a arte e o excesso de sensibilidade para o dia a dia, como se as zonas sujas da cidade não fossem dignas dele, a não ser quando davam o modelo dos desenhos.

Guardei este:

Copyrighted image

Mas a zona suja que ele reproduz só lha dei a conhecer mais tarde.

Por enquanto divertíamos-nos noutros sítios, por exemplo, na Prelada. As obras do novo bairro tinham parado e as ruas serviam-nos de cenário. Havia qualquer coisa bela e aliciante nas lajes de cimento, nas ruas abandonadas, nos restos que a construção largou à sorte de gajos como nós.

Manhã cedo saíamos da Oficina de São José e apanhávamos o autocarro perto da Ponte do Infante. Eu esgueirava-me pela porta de trás e eles pela da frente, escondidos atrás das hordas. O motorista quase nunca nos apanhava.

O autocarro suava, o bafo das pessoas picava-nos a pele, os olhos e o fundo da garganta. Mas eu gostava da carreira porque ficava sozinho por uns minutos. Quer dizer, sozinho com eles lá mais à frente. Entre tantas pessoas, encostava-me à vontade a uma rapariga qualquer. Sem que ninguém reparasse, fazia-lhes sinal de que a gaja era mesmo boa e eu estava mesmo teso.



Quando saíamos na Prelada, a sensação quase doentia da viagem dissipava-se, eu voltava a ser o mesmo tipo que não sabia de onde vinha e não tinha para onde ir, mas daí a minutos explorávamos o bairro abandonado, as zonas sujas, e a ansiedade dava descanso por umas horas.

Com esforço percebia as motivações do Samuel: cinco prédios escalavrados cada um a seu jeito, e em volta os despojos das obras; canalizações de PVC empilhadas, um terreiro só para nós, garagens onde tantas vezes encontrávamos gente que se amanhava com fogueiras e cartões em busca de calor.

Coisas boas de desenhar.

Os prédios, mal protegidos por placas de contraplacado e apoiados em escoras, lembravam doentes de muletas. Nos campos em volta, pit bulls ladravam só porque sim, varas de porcos afocinhavam nas ervas e na terra, e os ciganos montavam as barracas. Naquela época, pelo menos na periferia do Porto, ainda se encontrava muito disso e ninguém fazia caso.

A água escorria pelas estruturas vários dias depois das chuvas. Subir era uma provação. Mais do que o desafio, queríamos a paz que só encontrávamos em locais específicos e de difícil acesso. Antes íamos pela aventura, mas agora, aos doze anos, subíamos ao último andar para ver a cidade à distância, uma vaga que não nos levava — ou pela qual não queríamos ser levados.

A calma do último piso, plataforma suspensa entre este e o outro mundo, fazia-nos esquecer as ruas, a EB 2/3 Pires de Lima e a Oficina. O tempo parava na respiração deles, estafados como eu e como eu de sangue a pulsar nos pés, distantes da cidade embaixo e da vida pela frente. Também eles a adiar, o quê, não sabíamos. A adiar.

O Nélon acendia um cigarro e dizia, traduzindo o que pensávamos, “Mas que puta de coisa”, e eu respondia a medo que as coisas não eram bem assim. Afinal, podíamos valer-nos uns aos outros. Pensando bem, não sei se teria coragem para me expressar desse modo, decerto concordava com ele, reforçava “Que puta de coisa”, e cuspiam para a rua, oito andares de bisga em queda, para provar que conhecia a vida a fundo e ela era detestável.

O Samuel calava-se, ficava a desenhar sentado nos tijolos. Retratava fatos — nunca desenhava pessoas, exceto a do desenho acima

(mal se vê porque é muito pequena no meio das colunas, à esquerda), e isso também foi um problema. Hoje gostaria de me ver num desenho. Ele bem tentou passar ao papel coisas volúveis e maleáveis como nós, mas o Nélon dizia-lhe que não, mas que merda era aquela, eu num desenho com o Rafa; o Samuel buscava o meu apoio, só que eu respondia que merda era aquela, eu num desenho com o Nélon. Ele que usasse a paisagem, o Porto, o caralho mais velho. Se ainda existem, os desenhos devem ser ocos, palcos sem protagonistas, e a culpa é minha e do Nélon. Mas suponho que ardeu tudo.

Numa dessas investidas, entramos no prédio-norte, que ficava à frente das casas habitadas. Não quisemos ir antes porque receávamos que chamassem a polícia.

As grades da garagem cederam ao primeiro pontapé. O Nélon foi à frente, a tentar ver alguma coisa com a luz do telemóvel. Avançamos muito juntos, porque, apesar da desenvoltura, a verdade é que explorávamos uma cave desconhecida. Podíamos encontrar alguém, espetar-nos num vidro, rebentar um braço ou cair num buraco.

Eu imaginava-me no fundo de um poço.

Um passo em falso e caía, contorcido na lama e na água estagnada. Ainda via as sombras do Samuel e do Nélon e ouvia “Rafa, como é? Estás bem?”, mas já não respondia, demasiado ocupado a morrer. E então desaparecia, mas sei lá como ficava consciente das cercanias e do corpo, coisa mirrada que seguia o processo. Primeiro o rigor da morte, depois a putrefação, as varejeiras, os ovos das varejeiras e então as larvas. De olhos abertos mas cego, sentia os movimentos do meu interior, observava o Nélon e o Samuel que apareciam para velar o cadáver, nunca resgatado porque eles ficariam calados para evitar bronca na Oficina. Numa derradeira prova de amizade, não me escandalizava a cobardia e deixava a carne escapar-se-me sem mais.

Claro que era só fantasia. Não me desviei um passo do lado deles, com medo de cair ou de me perder entre espigões enferrujados, betoneiras rachadas, invólucros de cimento em pó e tijolos aos montes.

Chegamos ao último andar, mais alto do que as casas em frente, e demos com uma vista nova: o mar da Foz. Eu disse “Que lindo” e o Nélon até suspirou.



O Samuel mostrou-se indiferente, não lhe interessava o mar, ou melhor, disse que dali não víamos o mar. Víamos só uma mancha azul, paisagem parada como outra qualquer — e, quanto a ele, o mar era o oposto disso.

Quis esmurrá-lo porque a exclamação foi para lhe agradar, mais ou menos como dizer por outras palavras que o admirava. Nenhum de nós tinha aquilo a que hoje sei chamar dom, arte num sentido diferente da arte de garagem. Na altura, o dom escapava a nomes, por isso “Que lindo” foi a minha tentativa de expressar a realidade de maneira mais perfeita, tirando imagens de um sítio para as colar noutra.

Também me irritou dar-lhe carta branca para ser maior, para sair daquela porra de vida, ser mais do que um utente da Oficina, e ele não perceber e até desdenhar.

Olhei de novo para o mar e também o achei parado, um bloco azul em tudo igual, menos no tamanho, à mancha da cidade enevoada e sem árvores. A opinião dele destruía a minha, era mais válida em questões de talento.

Fiz um sinal de desdém ao Néilson, encolhi os ombros e disse “Tu lá sabes, Samuel”.

Regressamos à Oficina depois do fim das aulas. Por norma, voltávamos mais cedo para evitarmos problemas. Encontramos o Fábio numa esquina da Duque de Loulé a falar com a empregada dos Bilhares Triunfo. Acenou-nos e berrou “Da próxima vou com vocês!” e nós disfarçamos porque não queríamos a companhia de um tipo mais velho com tendência para apalpar à descarada nos bancos de trás do autocarro. Era certo que as mulheres berravam e depois havia problemas com o motorista.

## 2

Prestava atenção aos sons e movimentos da camarata, espécie de guerras ocultas em cada beliche. Depois do toque de recolher, o prefeito inspecionava as camas, ou seja, percorria os beliches a dizer porcarias como “Rafa, vais contar carneirinhos?” e a distribuir chapadas quando alguém deixava a roupa no chão. Nunca abriam as janelas por causa da saúde, o que resultava num ambiente semelhante a água estagnada.

O Samuel e o Nélon dormiam na camarata do outro lado do corredor, a dos mijões, e eu dormia com os mais velhos, o que em teoria facilitava a noite. Bastava não ligar muito aos conflitos do Fábio, que berrava “Tudo isto é Amélias!” enquanto distribuía insultos a eito. É que ele precisava de purgar a bÍlis acumulada durante o dia. Ao contrário do ar rarefeito, que só dava dores de cabeça, a bÍlis fazia-nos mal à saúde.

Embora já tivesse dezasseis anos, o gajo pertencia à minha turma na Pires de Lima e ainda não percebera que não era preciso grande esforço para passar às disciplinas. Bastava dar qualquer pretexto aos professores.

A última coisa que eles queriam era levar com o Fábio e, se pudessem passá-lo via secretaria, já o teriam feito. Quando conversavam nos corredores, com aquele arzinho de quem estudou qualquer coisa e por isso tem direito a opiniões, referiam-se ao Fábio como o emplastro, o imbecil que ainda não percebera que chumbar tantas vezes dava mais trabalho do que cumprir os mínimos.

Eles tinham era medo. Sem o confessarem, comentavam que pena os assistentes sociais insistirem em que delinquentes desses só saiam com o nono ano. Uma toxicodependente não fechou as pernas e nós é que pagamos? Chamavam-lhe mesmo assim, toxicodependente, em vez de drogada.

Isto assumindo que não era ele, Fábio, que sofria na pele as pernas da mãe. E de fato não sofria, porque para isso precisava de ter consciência das próprias circunstâncias. Figurar-se numa certa ordem do mundo.

Pelo contrário, vivia no prazer ou na dor do momento, pouco mais. Se acordava bem dormido, dizia “Bom dia, Amélias!” como se fôssemos as irmãs pequenas e não houvesse nada mais agradável do que acordar e chamar-nos Amélias, suas Amélias. E dava-nos cigarros.

Mas, quando a Ana Luísa, a Cátia ou outra dessas não lhe fazia o serviço por baixo do vão da ponte, chegava à Oficina como se nós lhe tivéssemos dado tampa e merecêssemos pagar. Juntava os cúmplices, por norma o Grilo e o Leandro, e levava um de nós ao poste, cheio de impulso contrariado numa investida quase sexual, com pontinha de sêmen.

Levar ao poste consistia em alavancar-nos a virilha num poste e puxar as pernas com força, para ver se nos esmagavam os tomates. A salivar, o Fábio dizia “Mais, mais força!” mas amochava quando o grupo perdia a vontade de esmagar.

A noite na camarata era isto: sempre algum gemido, sonhos que acabavam em grito ou gargalhada (o Zé, um tanto deficiente, ria durante o sono); sempre o restolhar dos lençóis e os feitos de porta em porta a quererem ordem ou derivados dela, correndo-nos a insultos.

Antes de adormecer, em vez de contar carneirinhos, eu fazia uma síntese que era como rezar sem consequências para a eternidade.

Primeiro revia os pormenores do dia em sessão fotográfica, sob ângulos e luzes diferentes, para lembrar melhor. Depois alinhava os protagonistas da minha vida, a minha mãe, o Norberto, estes menos desde que me entregaram à Oficina. No tempo de solteira, sei porque vi fotografias, a minha mãe arranjava-se como uma modelo: cabelo louro, calções pela coxa, colãs aos losangos, bugiganga dependurada e menos vinte quilos do que agora. Menos trinta.



Saía com as colegas para receberem as ordens perto de Santa Catarina. Ainda lembrava uma criança porque sorria de olhos no chão quando os homens a solicitavam. E a maquilhagem era a das meninas que se arranjam em excesso, a imitar mulheres.

Numa dessas investidas conheceu o meu pai. Desde então ficou em casa. Às refeições raspava a frigideira só para servir, sem vontade de comer. O meu pai dizia-lhe “Espera as ordens, espera as ordens” enquanto a arrastava para o quarto. Depois eu ouvia um urro, um bater de qualquer coisa como gavetas (mas não havia gavetas no quarto), e o meu pai voltava à sala para se sentar no cadeirão. “Ela esperava as ordens e eu cheguei-lhas.”

Eu respondia “Sim, pai” e corria a sentar-me ao colo dele. Abraçava-o e dava-lhe palmadas nas bochechas. A barba a picar. No quarto, a minha mãe recompunha-se.

Quando ela me visitava na Oficina, acabava a chorar porque depois da morte do meu pai ninguém a amparava, nem o Norberto — e já lhe tinham tirado três ou quatro, como era possível? Como é que se governava? Quer dizer, três ou quatro filhos roubados a uma mãe necessitada. Para ela, a maternidade era uma fonte de água imprópria para consumo, só jorrava porcaria.

Eu pensava sobretudo no Néilson e no Samuel, em como havia muito por lhes dizer, ao Samuel mais, embora não soubesse o quê, mesmo refletindo a fundo. Mas também na Pires de Lima, que quase abandonara nos últimos tempos porque tinha mais que fazer e as zonas sujas ensinavam o dobro.

Nos primeiros dias de 2006, imaginava duas rodas que embalavam e entusiasmavam ao mesmo tempo. Tentava detê-las, só que elas continuavam a rodar (é sempre assim com as coisas que rodam na imaginação), e tomavam várias cores, as cores de que eu as pintaria. Sobre elas encaixava uma estrutura de metal com selim.

Depois adormecia, mas era como se seguisse pelas ruas a pedalar.

### 3

Levantar-me ao nascer do Sol e sair antes dos outros era viver de novo. Uma gaivota pousou na cabeça de São José com o Menino, no telhado da Oficina, e grasnou pelas outras. Em segundos, o bando sobrevoava a estátua, os bicos de espada a baterem uns nos outros. Junto à porta, uma placa de esmalte dizia “Lar-internato, escola de tipografia e encadernação”. Brilhante, o esmalte dava um aspecto limpo ao edifício. Do outro lado da rua, os neons da LiderNor piscavam a anunciar ar condicionado, aquecimento, ar condicionado, aquecimento.

Acho que era janeiro, até porque a data final disto é 22 de fevereiro às oito e meia da manhã e, apesar de agora parecerem meses, a verdade é que não se passaram sequer sete semanas até as coisas acabarem.

Tomei o caminho mais rápido para a Pires de Lima à esquerda na António Carneiro, depois das lápides do Bonfim. A escola impunha-se em bruto lembrando um centro de processamento de carne. Isto não é uma frase à Pink Floyd — o professor-martelo enfiando os alunos no picador-escola —, a fachada assemelhava-se mesmo a um barracão onde desmanchavam o porco.

A dona Palmira, que só conheci cosida à bata (impossível imaginar o que estava por baixo), abria a porta da entrada. “Olha, o Rafa por aqui a esta hora”, saudou-me de mão bem firme na anca, e eu fiz o assobio de elogiar mulheres bonitas.

Era manhã de Educação Física. Não é que precisasse de desculpas para faltar, mas desistira do futebol por causa do Grilo. Além de fazer parte do grupo do Fábio, ele veio ao mundo com um metro e setenta. Imagine-se que altura tinha no sexto ano.

Nos corredores, concordávamos que o Grilo era grande demais, jogava bem demais, tinha ombros largos demais. Claro que nós é que queríamos ser grandes como ele, jogar tão bem como ele e ter os ombros dele.

Eu ia à baliza porque não acertava com os pés na bola. O Grilo fazia parte da equipa adversária e a presença dele em campo apagava a dos outros. Dançava sozinho. E eu queria fugir sem dar parte de fraco. De cononas, que era como nós dizíamos.

Ele, eu, o campo e a bola. Que interessava se a bojarda comia as redes, quando era óbvio que me partia em dois? E lá vinha ele, fintando e arremessando por entre os jogadores, quais crianças contornadas em dois passos. Estiquei os braços para a trave, a ver se ocupava mais espaço, e — foda-se — a bola apareceu num clarão.

Os jogadores rodearam-me de olhos muito abertos. Agora tinha desculpa para desistir: o punho dobrado em noventa graus e os dedos azulados. O Grilo disse “Não está partido” e os outros concordaram. Pelo menos saíra dos eixos, o que ninguém negava. Mas o osso a forçar a pele não demoveu o Grilo.

O punho latejava e a dor crescia. Horas depois, o médico pô-lo no sítio a frio, bastou atar o braço à estrutura da cama e puxar — muito pior do que ir ao poste. Seguiu-se um mês de gesso.

Agora acho que o Grilo não reconheceu nem pediu desculpa porque, apesar de me ter lixado o braço, falhou o golo. Assim deixei o futebol em glória, lesionado mas como o guarda-redes que defendeu o estouro impossível.

A dona Palmira acreditou que merecia o assobio, ajeitou a bata e deixou-me seguir. Mais à frente olhei para trás. Ela apalpava a própria silhueta como a moldar barro que extravasou.

Pelas nove da manhã, os velhos chegavam ao Campo 24 de Agosto, um jardim de poucas árvores e poucos pássaros, para jogarem à bisca e se queixarem das mulheres. Consolava-os saber que um dia as deixariam viúvas. Mesmo os que as amavam, e eu bem reparava que



alguns afagavam as fotos nas carteiras, resmungavam que lhes faltava o mimo. Que as camisas ficavam por passar.

Jogavam a sério. Os reformados batiam as cartas nas mesas, puxavam pela garganta, esticavam os braços e discutiam os resultados. O homem que os apontava costumava atrapalhar-se e eles gastavam metade da manhã à volta do caderno.

Nesses dias, a novidade foi um baralho *Kem, America's Most Desired Playing Card*, dizia na caixa. O baralho, alvo de muita intriga, acabou ardido num caixote do lixo. “Aprende, rapaz, aprende.”

Passei o Campo 24 de Agosto e entrei no café do costume, na realidade uma espelunca estreita onde me sentia em casa. Há muitos mistérios na vida e o nome desse café é um deles. Certo dia perguntei ao senhor Xavier por que lhe chamou *Piccolo* e ele respondeu que gostava muito do Pinóquio, “*Piccolo como tu*”, e eu fiquei a perceber tanto como antes. Não se falou mais disso.

Sentado à janela, bebi um galão e comi uma bola-de-berlim com o recheio a melar-me o queixo.

Dali via-se bem o Pão de Açúcar.

Em 1989, o quarteirão enfaixado entre a Avenida de Fernão de Magalhães, a Rua Abraços e a Rua da Póvoa abrigava umas quantas pessoas escondidas em prédios do século XIX. Sobreviviam nas cozinhas, nos quartos, nas salas, onde quer que os prédios dessem calor. Gosto de os imaginar enrolados nos cobertores e junto ao quente do fogão, havendo lume.

Nesse inverno, os buldôzeres executaram a ordem de despejo. Os que lá tinham ficado foram acordados pelos operadores que berravam “Fujam, a máquina é cega!”. Deram com as paredes destruídas, as camas esmagadas, as molduras das fotografias partidas, conformaram-se e seguiram pelas ruas, uns de roupão, outros de casaco vestido à pressa. Em três dias ninguém se lembrava deles.

O empreiteiro queria construir em tempo recorde por medo de que a Câmara inventasse novas burocracias. Durante semanas, os buldôzeres bateram a pedra, dobraram o metal e quebraram a madeira. Depois chegaram as retroescavadoras, que entregaram pazadas de entulho aos reboques dos camiões. E assim cavaram fundações com quinze metros de profundidade protegidas por taipais com placas que avisavam para o óbvio: perigo.

Se soubera bem destruir, como sabia bem construir.

No Piccolo dizia-se o que sempre se diz: a obra estava condenada. Eles sabiam, eles tinham conhecimentos. Era evidente que a Fernão de Magalhães não merecia o hipermercado pensado para aquele espaço. Veja-se os prédios em volta. Tudo feio, menos os azulejos antigos e o Vila Galé, a torre mais alta da cidade. Dito isto, cuspiam para o chão, concluíaam “A vida é assim, o nosso Porto não aprende” e bebiam café reconfortados pela certeza de que nada mudava.

As gruas ainda levantaram um torreão de cinco andares na fachada que dava para a avenida. E então soube-se. Em 1992, as obras pararam por imbróglio jurídico, excesso burocrático, corrupção ou falta de dinheiro, enfim, um dos cenários a que estamos habituados.

Os promotores esperavam retomar a construção mas os anos passaram. O esqueleto não dava hipermercado. A Fernão de Magalhães não tinha coisas bonitas para mostrar.

As ratazanas foram as primeiras. Ainda as obras decorriam e já elas se aninhavam nos cantos. As pombas seguiram-se-lhes e depois as lagartixas, as osgas e as cobras. Um casal de piscos-de-peito-ruivo subiu ao torreão e aí ficou. E aí chocou.

As vedações de madeira cederam e as pessoas entraram. Primeiro regressaram os antigos moradores, para lamentarem a sorte do prédio, que ligavam à sua. Os tetos, as paredes e os pilares cobriram-se de grafites, um pedia CONSTRUAM-ME, outro dizia PERDÃO. Resíduos de toda a espécie mancharam o chão da cave. A meio do prédio, um átrio enfiava luz entre os patamares. Era aí que as putas apanhavam sol. Os drogados faziam a *trip* na cave e os sem-abrigo tentavam impor alguma ordem, já que o prédio dava casa a todos.

A cave escondia um poço, na verdade uma brecha triangular com mais de dez metros de profundidade. Por vezes, os ocupantes mijavam para lá.

O prédio ganhou nova vida, tornou-se centro de passagem e de dormida, e a polícia passou a vigiá-lo. Numa ou duas rusgas ouviram-se disparos, mas as paredes levaram com os tiros e nada aconteceu.

À noite, os ocupantes dormiam em barracas improvisadas com caixotes, toros, cartões, plásticos e colchões. Melhor dito, dormiam em lares com toques de luz a conquistar o cimento. A ruína sobrevivia à frustração e sublimava-se: era só gente a dormir.



Os novos inquilinos sabiam respeitar-se. Aos domingos assavam sardinhas e o fumo alcançava o terraço do Vila Galé, onde as festas incomodavam até de madrugada.

Alguns anos nisto e a Câmara decidiu que faltava rumo àquele degredo em plena cidade. Para ser útil, não bastava abrigar pedintes, segredos, porrada, troca de seringas, orgasmos e gestos brandos. Não, para ser útil, havia que inaugurar um parque de estacionamento.

Mais do que a polícia, os carros afugentaram quem queria sossego. Era o último êxodo. Foram-se embora acompanhados ou sós, deixando para trás os restos das barracas.

Em 2006, havia muito que ninguém prestava atenção à ruína que fora um quarteirão do século XIX e que teria sido um hipermercado do Pão de Açúcar.

“Queres mais alguma coisa, ó *piccolino*?”, perguntou o senhor Xavier. Ignorei-o e atravessei a rua.

O parque já estava cheio e o segurança entretinha-se no posto com as palavras cruzadas do *Jornal de Notícias*, exercício que lhe ocupava o cérebro por inteiro. Tudo lhe escapava.

Revolta-me que nunca me tenha visto nem percebido o que se passou nas semanas seguintes. E há qualquer coisa de mesquinho, até de feminino, num gorila de metro e noventa que encesta letras em quadradinhos.

Saltei as grades que vedavam o acesso ao fosso das escadas. Os olhos adaptavam-se ao escuro mas o nariz nunca se livrava do bolor e da umidade. As escadas acabavam num cubículo que teria servido para arrumos mas que era apenas um buraco.

O único raio de luz, um traço mais ou menos fraco, batia em cheio no meu sítio, no sítio da minha bicicleta.

## 4

Carreguei a bicicleta para o patamar mais iluminado, a meio das escadas, e cheirei a tinta fresca do quadro, parecida com morango, doce demais para uma mistela sintética. Era uma coisa triste e bela de se ver: o guiador, rachado ao meio, estava seguro a um cabo de vassoura por abraçadeiras. Os pneus furados. E, claro, o quadro ficou verde baço mas eu queria-o brilhante, a refletir a rua.

Umás semanas antes, voltara à Oficina por outro caminho. Era suposto esperarmos pelos monitores no fim das aulas, mas eles só apareciam quando calhava, para acalmarem a consciência, e eu não aceitava aquilo de se aliviarem à minha custa. Saía quando queria, por onde queria, viessem ou não os cabrões.

Encontrei-a quando descia a rua entre a Praça da Alegria e a ponte — ei-la encostada a um contentor perto do Abrigo dos Pequeninos, do qual restava a frontaria com letras esticadas, à antiga. Para mim, as letras diziam *bicicleta*.

Acho que a resgatei por pena. Tinha o guiador partido, a roda dianteira furada, a traseira com os raios tortos, o selim com o couro ressequido e o quadro cheio de ferrugem.

Depois de a esconder atrás de umas silvas no fim da rua, quis contar ao Samuel e ao Nélon. A bicicleta ainda não se tornara real, faltava dá-la a conhecer. Assim é com desgraças e felicidades, partilhamo-las para mediar a emoção. Mas então pensei, qual alegria qual tristeza, era só sucata despejada com outras porcarias. Calei-me

porque achei ridículo, angustiante também, que o lixo de um fosse o entusiasmo de outro.

Das silvas passei-a para a ruela atrás do terminal de autocarros e daí para as tendas que a Vandoma deixava para trás aos domingos. Mudava-a por medo de que alguém a levasse. Só descansei quando encontrei o Pão de Açúcar, depois de garantir que drogados e afins não procuravam o fosso das escadas. Passei a vigiá-la à hora do almoço até ter a certeza de que estava segura.

O Néelson perguntava-me “Piras-te para onde?”, e eu respondia “Mete-te na tua vida”. O Samuel nunca perguntava.

Então comecei o arranjo. O cabo de vassoura encaixou bem no guiador, e bastou segurá-lo com as abraçadeiras que tirei duma drogaria. Embora tenha umedecido a corrente com óleo de cozinha, continuava seca, engalfinhando os pedais. A certa altura já tinha sacado uma lata de tinta verde da CIN de Santos Pousada e aplicado no quadro de metal, que a bebeu como madeira. Pincelava devagar, a combater a ferrugem, comovido por a bicicleta precisar de tinta como de afeto.

Operava às escuras só pela força de corrigir um erro. Se alguma coisa podia ser restituída à forma original, viver na expressão mais pura, era a minha bicicleta. E eu com ela.

Lembrava o Néelson. No quinto ano encontrou um pardalito a piar e a atirar-se contra uma parede. Nós ouvíamos a pieira do bicho, que o Néelson levava para todo o lado no bolso interior do casaco, mas ele explicava “Tenho a barriga às voltas”. Éramos forçados a acatar, mas a meio de uma aula o pardal saltou-lhe do bolso, rodou no ar e fugiu pela janela. O Samuel disse “Lá se vai a tua dor de barriga”.

A bicicleta ainda precisava de muito trabalho: mais uma demão, várias camadas de verniz, desempenar os aros tortos, resolver o dilema dos pneus furados, e ainda disfarçar o couro estragado do selim.

Ia devolvê-la ao fundo das escadas quando reparei num elástico, daqueles que as mulheres usam para apanhar o cabelo, enrolado à volta do selim. O quadro cheirava à primeira demão, mas agora sentia-se bem o tal perfume de morango, talvez emanado do cabelo que o elástico costumava prender. Entre o selim e o elástico, encontrei um papel dobrado em três.



às costas da ruiva. O motorista acelerou, talvez a pensar estou farto desta merda. Duas velhotas choravam. Um funcionário público, ou alguém com cara disso, não reparou no que se passava. E o Leandro achou boa ideia dar um murro na grávida para ver se os ânimos acalmavam.

A cena acabou com a mãe a atirar para o chão um punhado de cabelo ruivo, cuspir por cima e dizer “Putá de sebo!”.

Quando o autocarro parou, a polícia já os esperava. Para além do murro em grávidas de dez meses, não ajudou que a mochila do Leandro estivesse cheia de saquinhos de plástico que o irmão mais velho o obrigava a transportar.

O Fábio apanhou-o logo no primeiro dia à porta da sala de encadernação e avisou-o “Enxerto-te umas boas se te portas mal”.



# 7

Também há raparigas nisso. Conversávamos com elas no intervalo apesar de não sabermos o que dizer. Acabávamos calados e elas é que falavam, dominando-nos com tal encanto que até dava repulsa.

O Néelson estalava os dedos e saltava para o muro da escola, a manter-se íntimo e distante; eu ficava só calado; o Samuel aproximava-se delas, fascinado com algum detalhe, e em três tempos mostrava-lhes os desenhos, uma jogada baixa que as conquistava e daí a nada elas davam-lhe beijos nas bochechas, no pescoço e por trás da orelha.

Cheiravam a feno, a campo acabado de ceifar. Mas era um campo fora do alcance que se deseja com muita força e por onde nunca se passeia. Recordo-me dos formigueiros que provocavam quando me deitava ao pé delas durante a sesta. As raparigas atavam-me por dentro a fios imaginários. Eu preferia quebrá-los a ter medo do desconhecido, daí não perceber o Samuel, que retribuía os beijos e passeava com uma e outra, à vez.

Ele era mais velho do que nós, mas não muito, e elas pareciam mulheres, o corpo oferecia-nos álcool pronto a beber — e mesmo sem beber já inebriava. As ancas, o rabo, o peito e a pele oculta em que as mamas assentavam. Mas o Samuel mostrava-se tranquilo, não se gabava nem nada, e certo dia combinou um passeio. O Néelson e eu aceitamos sem sabermos ao que íamos.

A Rute dava-se em especial com o Fábio, e ela e as amigas nunca nos ligavam. Agora, convencidas pelo Samuel, apanhavam o autocarro

parecia indiferente, sobranceiro ao sítio que, abandonado, vivia muito mais do que os capados que alugam suítes, bebem *cocktails*, fodem assim ao de leve e trabalham em matadouros de alma como a Deloitte ou a PWC.

Desci irritado contra o homem bem-sucedido, eu que o julgava mito em vez de pessoa, mas sem a aversão que agora sinto quando lhe arranjo o carro.

Percorri quase todo o Pão de Açúcar e não encontrarei nada que ameaçasse a minha bicicleta, mas ainda faltava a cave.

Aí, gravilha de cimento e terra — quase pó — cobria o chão, para além do lixo que os primeiros ocupantes largaram. Uma boneca sem o olho direito, um espelho pequeno partido, uma cruz de ébano sem Jesus, papéis em língua estrangeira, três livros de lombadas ilegíveis atados por um fio, martelos de cabos gastos, um cartão de visita antigo e centenas de sacos de plástico.

O entulho levava, no extremo da cave, a uma espécie de átrio que dava alguma luz. Perto, em arquitetura precária, erguia-se uma barraca entre a parede e uma coluna. Quatro barrotes de madeira seguravam três placas de plástico e de metal.

Alguém tratara de varrer o lixo, cortar as ervas daninhas e plantar legumes em floreiras rachadas. Era a entrada de uma casa. Berrei “Está aí alguém?” e não me responderam.

Dentro da barraca encontrei vários objetos, uns sujos de terra, outros imaculados dentro de bolsas, outros ainda pousados num colchão de forro gasto, com o miolo à mostra nos cantos. A única almofada era uma tripa manchada de sangue.

Posso dizê-los em testamento: um cobertor amarelo com ar de usado todos os dias; um casaco de ganga com as mangas arregaçadas; pacotes de sumo amachucados; seis preservativos Control guardados dentro de um saco de plástico, onde encontrei também Parlodel em comprimidos de 2,5 mg; um pente ao lado de uma escova de dentes branca e roxa, com as fibras protegidas por um invólucro de plástico; uma gilete azul; dois batons e um rímel da Maybelline; um cartão de utente da Coração da Cidade com o número 132; um papel, o mesmo do bilhete sobre a bicicleta, onde alguém anotara “consulta CAT Cedofeita 31/1, 11h30”; mais duas embalagens de preservativos da campanha Luta contra a Sida; uma guia de tratamento do Hospital

mãos dela, o que evitei pensar por estas guardarem de certeza vícios e doenças.

Larguei o pão e pisei-o. Ela ajeitou o cabelo para disfarçar os tremores que lhe deu ver a comida estragada. Murmurou “Muito bem, se é assim” e tentou levantar-se.

Tão depressa se levantou como ia voltar ao chão de rabo, segurando-se à bicicleta para não cair. Apesar disso sorriu, disse-me “Isto de cu era outra coisa” e pediu que a amparasse. Então sei lá o que me deu, se arrependimento, se desafio de lhe mexer sem vomitar, mas agarrei-a pelo braço. Imaginei-me a contar ao Samuel “Ela cheirava mal e eu segurei-a na mesma”, como se levantá-la do chão fosse mais do que levantá-la do chão: a prova de que afinal eu sempre fazia alguma coisa da vida. Mas omitiria que o impulso de a erguer, pensando bem, fora para ela não se agarrar tanto à bicicleta.

“Me leva na cave e segue seu rumo, menino”, pediu-me.

Até ao topo das escadas falou sozinha, respirando com dificuldade só de subir os degraus.

Apesar da rotina dos carros no rés do chão, do trânsito da avenida, até do terraço do Vila Galé, de onde se ouvia uma batida de festa, ninguém nos viu. Acredito que estivéssemos fora do mundo, e não que preferissem ignorar-nos. Mas é mais provável que nos ignorassem.

Entramos na cave pela rampa da Rua da Póvoa. Depois de endireitar as floreiras (as plantas até se tinham aguentado bem), deixei-a à porta da barraca.

O cobertor amarelo, os comprimidos de Parlodel, a guia de tratamento, a fotografia, todos os pertences dela narravam uma história de que eu, sem perceber, já fazia parte.

Fugi com medo de ficar mais tempo, afinal que raio de rapaz tolera uma puta velha, mas antes de sair da cave quis pedir-lhe desculpa por ter estragado o pão. Ela acenava-me e berrava qualquer coisa que não compreendi por a voz lhe sair aos arremessos. Então percebi que o aceno, em vez de despedida, era ela a fazer-me um pirete.



Descíamos quando demos com um espetáculo triste. Um betinho qualquer nas escadas. Juro que até usava farda e emblema ao peito.

O Fábio berrou-lhe de imediato “Ó puto, caralho pá, meteste-te onde não devias!”, e o Néelson, que nunca perdia uma má oportunidade para falar, avançou com “Ora agora um gajo destes no nosso sítio, pensas que és quem, cabrão?”.

Aqui o beto recuava, dizia um “Desculpem, vou-me embora num instante” que foi ouvido com gozo da nossa parte. O Fábio agarrou-o, obrigando-o a espernear para a esquerda e para a direita, e deu-nos a entender que devíamos arrastá-lo para cima.

O andamento das coisas embalava-me, os braços do Fábio eram extensão dos meus braços, o primeiro murro foi tanto dele como meu. Pusemos-lhe um olho descaído para o lado errado. O Néelson também se atirou ao idiota, que gemia como uma menina. Arrastava-se, mordida o chão, espalhava o pó com os dedos. O Fábio pisou-lhos, aplicando pressão devagarinho. Estalaram. E o gajo gemeu “Ai, minha Nossa Senhora”.

Em dois segundos desfizemos-lhe a camisola, e já não dizia *desculpem, com licença* ou *saio num instante*. Nem rezava. Pedia “Parem, parem, por amor de Deus!” e cuspiam os dentes do pontapé que lhe acertei. Um canino, um molar e dois da frente.

Era uma coisa violenta e física, sexo, não interessa se a quatro ou a três e só entre homens. Eu queria ver o sangue do gajo jorrado no chão porque era esse o desejo do Fábio. O nosso desejo. Sim sim sim, força. Dá-lhe mais.

Deixamo-lo estendido, pois claro, e sem carteira. Tinha pouco dinheiro, dez euros em moedas.

O cigarro do Fábio manteve-se preso à orelha esquerda, indiferente a tudo aquilo. Ainda assim ele viu-se obrigado a ajeitá-lo, espécie de compulsão pós-violência. Lascas de tabaco caíram no mapa da cabeça. Depois ficou com cinco euros e deu-nos o resto. Pareceu-me absurdo, e um bocado patético, que o Samuel recusasse as moedas. Aliás, ficou à parte da porrada, refugiado nas escadas.

No regresso à Oficina, conversámos sobre o tempo. Como sempre, chovia. O Fábio foi ter com o motorista, que era o mesmo, e deu-lhe o dinheiro. “O senhor Alberto é fixe”, disse-nos.

imaginável, espécie de naufrágio que dura a vida toda, mas também com raparigas como a Alisa, desejosas de mim e eu delas. Podia passear pelas ruas, conversar com os reformados do Campo 24 de Agosto e apreciar as zonas sujas. Quem estaria sedento dela, e por onde passeava ela senão pela cave, zona suja da qual não escapava? E eu até via televisão.

*Veio para aqui com as histórias de drogadote de meia-tigela, a ver se encanta as pessoas. A mim não engana.* O Fábio chegara a cadeira a um palmo da televisão e comentava “É gente de outra categoria”. O Grilo e o Leandro assentiam.

O meu quotidiano era habitado por gajos como o Fábio, que batem, e como o Leandro e o Grilo, que obedecem, os que abusam e os que se deixam abusar, mas também por amigos que falavam sem freio como o Nélon e por amigos como o Samuel, cujo silêncio dizia mais. Tudo único, nosso, mas repetido por centenas de outros lugares que eu desconhecia, quem sabe nos antípodas ou até em Espanha. E isso acalmava como ver de fora, porque não éramos únicos: só peças no mecanismo geral das coisas.

Quanto a ela, ver de fora significava ver o corpo gasto de pessoa que a vida moldou para o torto. E agora estava ao meu dispor, sugeria *faz de mim o que entenderes*. Apesar do asco, tê-la encontrado foi para mim o início de uma experiência diferente. Só mais tarde, quando ela me contou as coisas pelas quais passou, percebi o quanto havia por descobrir. O quanto estava para acontecer.

De braços cruzados, o Samuel pôs-se atrás do Fábio a observar a discussão no ecrã. Depois saiu da sala acompanhado pelo Nélon.

*Quem não sabe aguentar não se atira para fora de pé. Você tem de lambar o chão antes de a minha lady o pisar.* O Fábio reproduzia a berraria em surdina, com a boca e as mãos, como se dirigisse uma orquestra. “Agora quero ver o outro responder-lhe”, disse. *Só não te parto os dentes porque estou neste programa.*

Decidido a voltar à cave no dia seguinte, segui o Nélon e o Samuel.

*Se você fosse um cavalheiro, desafiava-o para um duelo à pistola. Percebeu?*

# 13

A Alisa perguntou-me “Ra-fa-el com todas as letras, por onde andaste?”.

Seguíamos pelo recreio. Ao inclinar-se para mim, as mamas sobressaíam do decote. No peito esquerdo tinha tatuado um beijo, assim mesmo, a marca de uma boca. Com aquele corpo, onde até dava instruções de como beijar, era mais mulher do que eu homem.

O Grilo, o Leandro e o Fábio jogavam sozinhos no campo. À volta, as raparigas mais meninas usavam bandeletes amarelas, em voga nesses anos, os rapazes mostravam os telemóveis Nokia, e grupos sentavam-se na escadaria que levava à entrada principal. Gestos passavam de mão em mão; estojos e cigarros de mochila em mochila.

Um dos gajos que observava o jogo berrou “Mete-lhe cueca, cabrão! Ei, Jesus... Duas seguidas, três, vá lá, ó banana! Até parece que não manda uma, não sabe jogar!”, e fugiu antes de o Fábio perceber quem era. De fato, o Grilo rematava devagarinho, fintava à morcão, jogava feio porque o maricas de merda se acagaçava à frente do Fábio. Cediam-lhe as pernas que era bom de ver.

“Um dia vamos passear”, continuou a Alisa. E eu ensino-te as coisas da vida, parecia sugerir. E eu ensino-te como se arranja uma bicicleta, quis eu contrapor, não fosse injusto trocar essa aprendizagem pela da vida. Talvez ela percebesse que ficava a perder.

Mas, enfim, avancei com “O grande problema das bicicletas não é sequer os pneus. Dá para arranjar fácil, só tens de puxar pela cabeça.



E outra vez.

“Olha o que fiz para ti!”

Ela saiu da barraca com esforço, vergada pela cintura, mas endireitou-se quando percebeu que, embora continuasse na cave, estava longe, rodeada pela floresta de papel.

Eu esperava “Oh, que bonito!” ou “Rafa, que posso dizer?”, mas ela olhou em todas as direções, liana a liana, sem reconhecer o sítio, e deixou-me à espera.

Perguntei-lhe “Gostas?”, já pronto a arrancar as tiras.

Respondeu “Só você para me fazer tão feliz como o Leonardo e a Carolina”, e estendeu-me a mão. Agarrei-lha pela ponta dos dedos, como se faz às velhas quando pedem ajuda para descer as escadas do prédio. A mão branca, sem anéis, ficou na minha uns segundos, antes de voltar à anca.

“Me seguiam por todos os lados, sabe?”

Incluindo a confeitaria Ruial, na esquina da Travessa do Poço das Patas. Ela incentivava os desconhecidos a fazerem festas aos bichos, mas eles afagavam-nos à distância com medo de tocarem na Gi por engano. E também os sentava ao colo das amigas. “Nos reuníamos todas. Umhas amigas eram dali, outras de mais longe, mas combinávamos na Ruial.”

O dono da confeitaria deixava os cães entrarem, eram pequenos e a Gi insistia, porém queixava-se dos ganidos que faziam enquanto lutavam pelos pedaços de carne que a Gi lhes dava na ponta do prato. Depois de ganhar com dentadas no pescoço e nas pernas, a Carolina lambia-lhe as mãos, a pedir mais e a agradecer.

As amigas insistiam em que os bichos deviam ficar em casa, mas a Gi puxava-os pela coleira para os proteger de uma ameaça inexistente e respondia “Uns míseros yorkshire terriers vão fazer mal a quem?”.

Um dia, alguém se esqueceu de fechar a porta do prédio onde a Gi vivia e os cães fugiram. Os carros, que mal cabem na rua, recolhem os retrovisores e passam devagar. No entanto, quando a Gi encontrou os cães, embora ainda respirassem, pareciam peças de talho atiradas ao acaso.

Essa rua, cujas casas não se sabe bem quem habita, se é que alguém aí vive, cinzenta de alto a baixo, e para mais irrelevante a ponto de albergar a Associação dos Empregados de Mesa, à frente da qual um

O Leandro acreditava no Fábio, punha a mão na testa e comentava “O corpo lá em cima...”. O Grilo, para quem a morte era hipótese vaga, apesar de ter visto gente em caixões, perguntava “Ninguém o deixa sair?”.

Os mais novos preferiam não alimentar a lenda do sótão, conformados com a fatalidade de a Oficina nunca ter coisas bonitas, tal como os habitantes da Fernão de Magalhães sabiam que a avenida estava condenada a ruínas como o Pão de Açúcar. Contentavam-se com os corredores, a sala da televisão e as aulas ocasionais de ofícios tão úteis como tipografia e encadernação.

Eu imaginava que um dia o diretor abria a porta e nos mostrava a coleção. Nós deslumbrados, valeu a pena a espera, e ele, depois de uma pausa, a explicar-nos “É aqui que investimos as verbas que recebemos do Estado por vossa conta”, e nenhum de nós indignado, todos a concordar, com espanto, “Sim, isto é nosso”.

Mas dávamos sempre com a porta fechada, coisa em que o Néilson cismava havia uns meses. “Um dia meto-vos lá.” Eu e o Samuel condescendíamos, como daquela ocasião em que ele escondeu o pardal na roupa, e esperávamos que, igual ao pássaro, a qualquer momento a ideia fugisse pela janela.

E agora ele puxava-me da cama e insistia “As chaves, as chaves”.

Nunca lhe perguntei de onde as roubou, quem sabe dos bolsos dos monitores, que bem teriam gostado de sentir as mãos dele lá dentro.

Num pulo pusemo-nos os três à frente da porta do sótão.

O Samuel alçou o braço sobre o meu ombro e disse para o Néilson “Então, como é isto?”. O Néilson, sorrindo, sacou duma chave muito pequena, como as que os namorados dão uns aos outros para abrirem os corações, e espetou-a à frente dos nossos olhos.

“Vocês são uns merdosos como os outros. Fui o único, ouviram bem?, o único que conseguiu as chaves. Que cena. Ajoelhem-se, agora! Ajoelhem-se!”

O azeiteiro queria mesmo que nos ajoelhássemos, que lhe reconhecêssemos a grandeza. O Samuel pôs um joelho no chão ao de leve e disse, no português dos livros, “Dom Néilson, *o Palavroso*, deixai-nos entrar”.

Eu não ia naquilo. Disse-lhe “Abre mas é a porta, antes que te rebente os tomates”. O gajo, a fingir que não me ouvia, rodou a chave



comissão. Pousou-a no meio da sala e disse “Se me prenderem por causa disto, não faz mal porque tu mereces”. Bebi os iogurtes durante mais de uma semana e sabiam a morango, banana e pêsego.

A minha mãe não ligava à prostituição da Araya ou aos mitos das retas de França, mas a gasolina punha-a louca. Películas de gasolina assentavam nas carrinhas, nos porta-carros, nos camiões chico e nos telhados dos terminais. E chegavam à boca do Norberto, às mãos, aos braços, o corpo impregnado por inteiro, e ela sem o beijar com medo das doenças e por detestar o gosto.

Uma vez, para se redimir, ele ofereceu-lhe um fusível de metal brilhante. “É para pendurares ao pescoço”, disse-lhe, só que ela recusou a joia de imediato por também cheirar a gasolina e, pior, a óleo seco.

O Norberto dizia que em Portugal as estradas não têm comprimento suficiente para pensarmos. Mesmo viajando de Chaves a Faro, quando damos por ela a estrada acabou e nem sequer esboçamos a primeira ideia. Conduzir até Helieske era diferente. Perto dos Pirenéus já tinha alinhavado três ou quatro pensamentos, confiante de que o caminho prosseguiria até refletir em condições.

“Sabes que penso muito em ti. Gostava de ter a tua idade, e que a aproveitasses sem estares enfiado aqui na Oficina.” Endireitou a cadeira e olhou em volta. Mais dois rapazes conversavam com as famílias. Se nos abstraíssemos, pareceriam reunidos à mesa da refeição. O Norberto abanou a cabeça e continuou “Mas a vida é entre o que temos e o que gostávamos de ter”.

Eu reconhecia nele a sabedoria dos tais caminhos longos que permitem pensar, mas achava-o um impotente, como se nunca o tivessem deixado dormir na cama. Na minha maneira inocente de pensar, agora que conhecia a Gi, sentia que aproveitava a vida, embora continuasse enfiado na Oficina.

A carreira dava-lhe tempo para se preocupar comigo mas também para aldrabar o tacógrafo. Antes do digital, bastava apagar o disco com borracha, agora havia que aplicar um ímã às traseiras do camião, algures entre dois fios, para confundir as marcações.

Dias antes da visita à Oficina, a polícia parou-o nos arredores de Helieske. Revistaram a carga, conversaram entre si remexendo nos



Depois de termos percorrido o estacionamento, levei-os ao primeiro andar. O Nélon correu e saltou de uma ponta a outra, como liberto de uma jaula, e mijou para uma das paredes. Eu andava devagar, calado, imaginando a reação deles quando chegássemos à cave. O Samuel observava o alinhamento das colunas, as proporções, os grafites, as frases.

Mostrava-lhes o Pão de Açúcar como os donos de casa que encaminham devagar as visitas pelas várias divisões. A melhor fica para o fim.

Subimos ao torreão e demos com uma vista nova, tal como o mar que o prédio-norte mostrava. O sol metia-se entre as nuvens, coisa rara em janeiro, e a visibilidade estendia-se além da serra do Valongo e das encostas de Gaia.

Dali conseguíamos identificar mais prédios abandonados. Pela amostra, a cidade era uma única ruína que nos entrava pelos olhos e aí ficava.

Tal como da outra vez, disse “Que lindo” e o Nélon até suspirou. Mas agora o Samuel não ficou indiferente, a paisagem interessava-lhe, explicou-nos que dali via muito. A cidade inteira. O Nélon, achando a situação idêntica à do prédio-norte, encolheu os ombros e disse “Tu lá sabes, Samuel”.

Só depois descemos à cave.

Eles continuaram a debater a vista do torreão. “As escadas levavam ao topo, quase ao céu”, dizia o Samuel, fazendo-as mais altas do que eram, e o Nélon completava “É como rachar o céu”. Partilhavam a grandeza do sítio.

Eu ansioso, a antever a barraca ao fundo, mal aguentada de pé e com as floreiras à frente. Algumas tiras de papel higiênico ainda abanavam ao vento.

Eles calaram-se quando começamos a ouvir a água a pingar no poço, quem sabe por terem percebido que tamanha catedral impunha respeito.

“Mas vive alguém ali?”, perguntou o Samuel.

“Vive”, respondi-lhe.

O vento abanou as placas que protegiam a barraca e afastou o papel higiênico.

Deu-lhe gozo compor o batom e ajustar as peles ao pescoço, ensaiando movimentos de dança. O calor do bar fugia pelas janelas úmidas, enchia a noite.

A entrada fazia-se da rua para a passarela. No exterior, o frio definia-lhe as feições, e dentro o público chamava por ela. A gola de raposa que a Rute lhe emprestara cobria o pescoço e os ombros. Daí para baixo, em contraste, tapava-a um vestido de seda contrafeita que deixava ver os mamilos arrebitados, pequenas conquistas trabalhadas a bisturi.

Dava espetáculo em mais casas, mas no Adam's Apple encontrava outra verdade. As amigas diziam “Ela é uma grande artista, tem uma luminosidade bonita, é loura e pisa o palco muito bem. Personifica as grandes na perfeição e é boa pessoa. Mas lógico que há ressentimentos, todas temos um bocadinho disso dentro de nós”.

Tossindo a cada duas palavras, a Gi narrava-me o que as amigas diziam dela, e eu não percebia como invejavam alguém com acessos de tosse e candidíase. Apenas quando me mostrou uma fotografia antiga no Adam's Apple compreendi que a minha Gi envergonhava a outra, a que pisava o palco muito bem.

Claro que só me descreveu este episódio depois de muito arroz.

O clamor aumentou, a porta abriu-se e agora tinha de ser, ainda que ela os quisesse mais excitados. Entrou a correr em passos curtos, como lhe competia, e recebeu de chapada um “Gisberta, nós amamos-te!” que quase a fez chorar. Aliás, a meio da pista já chorava.

A música começou em ritmo lento.

*My heart belongs to daddy.*

Embora eles não entendessem inglês, a Gi incorporou a letra no trejeito dos ombros, no fluir da cintura, no corpo que, mais do que corpo, era melodia.

Os homens, sentados às mesas e no sofá que corria o fundo da sala, eram pais dela e ela pertencia-lhes, em todos reconhecia uma cara, um tempo passado, e todos a abraçariam se ela deixasse. A música, cantava-a Julie London nas colunas, mas a Gi atirava beijos ao ar simulando Marilyn. Passava tangentes às mesas, ao balcão, e voltava ao centro da pista sem ceder aos que desejavam o toca-e-foge.

*I know you're perfectly swell  
But my heart belongs to daddy.*



Ninguém a tolerava como eu e poucos comeriam arroz com ela.

A Gi despediu-se de nós com uma vénia, pedindo “Voltem sempre” como nas lojas de Santa Catarina.

E agora estávamos caídos na manta do sótão, cada um atirado para seu lado, a respirar alto, e aflitos por se calhar nos terem visto, por talvez alguém saber de nós. Eles com medo de que a ida à cave tivesse deixado uma marca que todos pudessem ver, e eu contente com o impacto que causara, pelo menos ao Nélon, que tremia de ansiedade.

Ouvíamos as respirações uns dos outros, sentindo o corpo amolecer num deslize para o entendimento muito próprio que ocorre quando descobrimos a verdade. Parecido com dormir com alguém sabendo que é a última vez.

O crocodilo empalhado vidrava os olhos em mim. A lâmpada abanava com rajadas de vento que se esgueiravam por entre as telhas. Perto, o frasco com os ossos da Maria José. Deitados de ombro contra ombro, não reconhecíamos o momento.

Entre nós corria uma única ideia, um fio imaginário que nos ligaria para sempre. Em certos dias, dou por mim deitado na cama depois do trabalho árduo na garagem e creio ouvi-los respirar.

O Nélon levantou-se, cuspiendo para as mãos e esfregando-as nas calças. Dizia “Merda merda merda”. Se houvesse um chuveiro no sótão ter-se-ia despido e esfregado cada centímetro de pele com Scotch-Brite sob água a esquentar.

Eu e o Samuel continuávamos deitados, de cabeças muito próximas e ainda enfeitiçados pelo encontro. Eu a sorrir e ele de olhos fechados. Talvez quisesse explicações mas sabia com certeza que nesse momento eu não lhas daria. “Que vida, que vida”, murmurava.

Só abriu os olhos ao sexto ou sétimo “Merda merda merda” do Nélon, que percorria a cave de um lado para o outro.

“Que se passa?”, perguntou-lhe.

“Que se passa? Cabrão do gajo! Não viste logo?”

“Vi logo?”

“Porra, então não percebeste que a puta é um homem?”

O Samuel encostou-se a um armário com pó a cair-lhe pelos ombros e disse “Estás a falar de quê? Eu já a conhecia”.



Mas eu é que lhe tinha mostrado a Gi, eu é que devia definir as regras.

Observando-o a alinhar o telescópio com a mesa, pensei que era bom conhecer uma pessoa como ele, aliás, era bom ter um amigo assim — embora ele se preparasse para me roubar a Gi.

Perguntei-lhes “Como é?” e o Néelson intrometeu-se com “O macaco agora é a peruca do careca!”.

“Então como é, Samuel?”, disse-lhe.

Ele largou o telescópio e pediu que nos juntássemos debaixo da lâmpada.

“Andei a pensar em nós e na Gi.” Tinha concluído que a Gi precisava de nós. Novidade nenhuma. Admitia que eu, Rafa, já explicara isso, mas achava que faltava comprometermo-nos a sério. Aquilo era importante: tinha chegado o momento de nos fazermos homens.

“Isso quer dizer o quê?”, interrompi-o.

“Fazer um pacto.”

“Já combinamos ajudá-la.”

“Mas falta um pacto. Com cerimônia, como na missa.”

Tirou um x-acto do bolso de trás das calças. Abanou-o à nossa frente, fazendo a lâmina chocalhar na calha de plástico, e repetiu “Precisamos dum pacto”. A ponta era afiada como um bisturi.

Depois picou a palma da mão e deixou escorrer o fio de sangue. O Néelson estendeu-lhe logo a mão e ele repetiu a manobra.

Esticar a minha era admitir que o Samuel comandava a nossa convivência com a Gi; torná-la mais dele do que minha. Não esticar era dar parte de fraco.

Eles olhavam para mim querendo que me despachasse. O Néelson disse “Vamos, mariconço, não tenho a vida toda” e o Samuel “Por favor, Rafa”.

O meu sangue escorreu mais do que o deles. Quando apertamos as mãos, o Samuel disse que o pacto era cuidarmos dela e não nos chibarmos. Olhei para a pintura do nosso sangue e concordei.

menino de seis anos que olhava para ela não como traveca, mas como traveca-contadora-de-histórias.

Nunca dissera mais do que *olá* e *adeus* à mãe dele, a do 102, mas por momentos pensou em como gostaria de ser mãe daquele rapaz.

“Quer chá?”

“Nunca bebi.”

“Muito bom, é oriental.”

Ele bebeu dois goles fazendo careta, que mau gosto essa bebida *orientau*, e afastou a chávena que ainda largava vapor. A Gi fez-lhe uma festa na cabeça, comentou “Você é um bom menino, como o Príncipe Feliz”.

Para evitar magoá-la, ele não referiu que os amigos o tinham desafiado a comer com ela sem apanhar doenças. E também omitiu que gostava de todas as histórias, não só dos contos da Gi, porque eram como desenhos com palavras.

“Bate palmas, bate. Foi mesmo de homem!”, disse-lhe o Néilson, atirando punhados de terra ao ar.

O Samuel, que durante o salto segurara no braço da Gi para a acalmar, agora dizia-lhe “Vês, correu bem, ele não ia cair”.



ter o que era preciso, ser generoso e não pedir favores em troca. Depois tanto fazia se estava no barraco, se em casa.

Nos segundos em que esperava o efeito da heroína, repetia baixo “Faz de mim tua filha”, embora soubesse que isso não ia acontecer. Ao sair do torpor, o Oliveira dizia-lhe “Não há taradices para ninguém”, dando a entender que a tratava como mulher por condescendência.

Aos quarenta e cinco anos, quando a encontrei, ainda lhe faltava muito trabalho para ser filha de alguém, mas descrevia-me os efeitos como um alívio tão grande — estar mais em casa no próprio corpo — que eu até achava a droga uma coisa boa. Um bálsamo.

“Pelo menos ficavas em paz”, disse-lhe um dia.

Por uma vez menos franca, baixou os olhos, vai não vai para me contar o efeito perverso da heroína. Mais perverso do que as ressacas, o querer sair e a ânsia de voltar.

Puxei-lhe pela manga, pedindo “Como é isso, afinal?”, até que, depois de fechar o casaco de ganga (escondia-se à vista como menina envergonhada), ela lá se decidiu. “Sim, menino, de certa maneira em paz.”

Aquilo dava-lhe em cheio e as dúvidas acabavam, navegava sem maré, sem o mistério de lhe ter calhado um corpo masculino. As mãos, os ombros e o cabelo cheiravam-lhe a água-de-colônia, a suor de fim de dia e às ruas de São Paulo. O cheiro típico do pai. Parava de pedir “Faz de mim tua filha” e apalpava a maçã de adão com nova ternura. É que, nas horas de euforia em que o barraco do Oliveira comia o mundo, a Gi se sentia plenamente homem.

quebrava. “Muito mais fortes do que ele, cuidado conosco!”, berrava.

Calando a sua experiência de contar histórias e cativada pela força infantil do Nélon, a Gi perguntou-lhe “Afim como se chamava esse senhor?”.

O Nélon não sabia o nome próprio, faltava chegar a essa parte. Que azar, das poucas ocasiões em que prestava atenção à matéria, lhe calhar um paneleiro dum francês que nos queria dar porrada; enfim, mesmo não sabendo o nome próprio, lembrava-se de o professor dizer que o apelido do gajo era Napoleão.

Sob o olhar do Fábio, o Grilo simulava passos de futebol que na verdade eram passos de dança, mas sem técnica, porque não lhe convinha mostrar-se mais hábil do que o Fábio. O Leandro ia dando pontapés em pedras.

Paramos à frente de um Fiat Cinquecento com aspecto de estar estacionado havia meses. Depois de endireitar o cigarro na orelha, o Fábio sacou de uma tripa de metal que enfiou na ranhura da janela do condutor, enquanto o Leandro cheirava o tubo de escape e dizia “Tem gasolina à farta, vai pegar à primeira”.

Ainda hoje não sei como coubemos os seis lá dentro, talvez sentados ao colo uns dos outros. Enquanto nos acomodávamos, o terço fosforescente abanava no retrovisor. O Leandro pisava-me e o Néelson murmurava “Mesmo apertadinho”.

O Fábio enfiou uma chave de fendas no canhão da ignição sob o olhar do Samuel, que observava os procedimentos no lugar do morto.

“Vamos lá, vamos lá, que pode vir aí gente”, dizia o Leandro.

“Calma, calma”, dizia o Fábio de cigarro na boca para ajudar à concentração.

Vinte minutos depois continuávamos parados, o canhão desfeito pela chave de fendas e os fios elétricos à mostra como veias pulsando em vão. Os vidros estavam embaciados e fedia.

Eu ia pensando em como era injusto que a Gi partilhasse qualquer coisa especial com o Samuel, se ele se fartara dela em meia dúzia de visitas. Nunca me ocorrera que ele não gostasse dela como eu. Isto piorava as coisas, tornava tudo um grande equívoco que eu teria de desfazer.

Mais uns minutos e as luzes do mostrador piscavam com vontade própria, sinal de que a bateria funcionava apesar de o carro não se mexer.

“Isso vai ou quê?”, perguntou o Grilo.

“Vai”, respondeu o Fábio, nem sequer reparando que o cigarro caíra junto da manete.

Nessa altura, o Samuel disse “Deixa tentar” e pegou em dois fios que ainda não tinham sido acasalados. Do banco de trás ouvi um rumor de curto-circuito quando ele lhes cuspiu para cima, unindo-os num toque momentâneo.

O carro pegou.



Combaldos pela refeição ou demasiado cansados para se interessarem pelos outros, os utentes não reparavam que ela se sentara longe da televisão a murmurar como quem resolve um problema complicado.

“Era a minha sessão espírita”, dizia-me.

Conversava com o passado, que é o que todos fazemos volta e meia. Lembrava as duas irmãs mais velhas de sutiã na mão e porta fechada; ouvia a carpintaria do pai na garagem e os berros da mãe. “Gisberto, é hora do banho.” Lembrava o espalhafato da árvore a cair colina abaixo; cheirava a madeira seca e a água-de-colônia. Lembrava a falta de espaço para a mãe na Poço das Patas; sentia o carro a travar ao pé de si aquando do passeio ao Alentejo.

E ficava meia hora nisto, embalada pelo som da televisão.

À saída acenava aos pais e ao responsável do infantário que afixavam cartazes. *Espíritas fora. O Porto não é para gente da vossa laia.*

Um dia, depois de o responsável lhe dizer “Não colabore com esta pouca-vergonha!”, ela piscou-lhe o olho e respondeu “Deixo sim, querido, desde que você me leve para jantar”.

Encolhendo os ombros, o responsável comentou com os pais “Eu não dizia que vai para aqui uma rebaldaria? Como pomos as nossas crianças a salvo? Um perigo para a saúde pública”.

A Gi atravessou rápido para o outro lado da rua e seguiu caminho. Rebaldaria por rebaldaria, melhor a da pensão.

Pararam a carrinha na berma da EN2 à sombra de um sobreiro. Estenderam uma manta e tiraram da lancheira os pães com presunto, o queijo de Seia e os gomos das laranjas descascadas pelo Zé. Os carros iam passando pela estrada.

“Não é um querido?”, perguntou a Rute Bianca quando se sentaram na manta, mas calou-se porque a Gi era daquelas pessoas a quem o amor não pegava. O Zé pegara à Rute, e agora as duas amigas acompanhavam-no na bonita tarefa de entregar remessas de laranjas a supermercados.

A Rute foi das primeiras operadas de alto a baixo, o que dava à Gi uma pontinha de inveja e orgulho, ela que ansiava pelo bisturi de Casablanca. Por enquanto impossível, porque o pênis lhe rendia mais com os clientes da pensão.

Conheceram-se em Paris no tempo em que passavam as fronteiras a salto e seguiam para Pigalle. Hospedavam-se em quartos que pagavam com o esforço dos shows aqui e ali, por norma no Le Chat Noir. Até ganharam prêmios de traje, coreografia, interpretação. Por vezes também atuavam em sítios inspirados no Studio 54 de Nova Iorque, que abrilhantavam os espetáculos com raios laser e fumos coloridos.

Em Pigalle, as ruas eram uma torrente de gente que se vendia, de gente que comprava, de gente que se dava a outra gente pelos cantos, com mais gente a assistir. A onda de pessoas excitava e comovia, fazendo dos transeuntes eternas crianças em busca de diversão e sexo.

“Mas hoje não dá, menino.”

Não dava como não daria noutra altura qualquer. Por lhe faltar a vontade e por querer ficar na cama. A gaja preferia o colchão a desfrutar do sol e da minha ajuda. Era como os doentes que gostam dos privilégios da doença.

“Não é nada disso”, explicou-me. “Hoje estou muito fraca, nem consegui me levantar.”

Por causa do entusiasmo tinha-me esquecido de lhe levar comida.

“Eu arranjo-te uns pães e seguimos.”

O senhor Xavier acabara de receber uma fornada de pães saloios que lhe queimaram a ponta dos dedos quando os meteu no saco. Antes de eu regressar ao Pão de Açúcar, perguntou-me “Ouve lá, vocês esqueceram-se do meu café? Por acaso fiz-vos algum mal?”. Detive-me à porta e, tentando imitar o palavreado do Néilson, disse “Ninguém nos faz mal e andamos por onde queremos”.

No fim do estacionamento, um homem de fato e gravata discutia com o segurança argumentando que perder o cartão não justificava pagar o dia completo, muito menos numa espelunca daquelas. O segurança respondia-lhe “É como é” sem levantar os olhos das palavras cruzadas. Perto, uma mulher tocava no comando para ver se o carro respondia ao chamamento. E por todo o lado dava-se a revolução dos carros que chegam e partem, muito diferente da calma que se vivia por baixo, na cave.

“Aqui tens”, disse à Gi do lado de cá da porta.

Segundos depois, ela abriu uma frincha e estendeu a mão para recolher o saco. “Agora vai embora, que estou me sentindo mal”, pediu.

Contando que recuperasse depois de comer os pães, mantive-me por perto a observar a porcaria do chão. Os mesmos detritos que descrevi aquando da busca pela pessoa que deixara o papelinho no selim da bicicleta.

Apalpei o bilhete, que desde então guardava no bolso das calças, ciente de que era um registo importante duma era passada, e aguardei mais uns minutos.

“Siga! Vamos subir!”

“Xô daqui, Rafa, hoje não dá mesmo.”



Os empregados serviam chávenas de café com natas a boiar em corações que se desfaziam com o calor. A massa dos croissants queimava os dedos e desprendia-se da crosta, que enchia a toalha de migalhas.

Sorrindo, a mãe deve ter observado a Gi à procura do seu menino. Suponho que se tenha sentido triste mas aliviada por este já não existir. Pelo menos a filha não encahara no meio-termo como os travestis de rua.

Amealhara durante anos para a passagem de avião, mais valia continuar a sorrir. O que calhou muito mal, porque não podia dizer tudo entre sorrisos, como na ocasião em que perguntara ao médico “Que tem meu filho?”. O médico disse-lhe que era só mimado, não tinha nada.

Depois de beberem o café e de comerem os croissants, a Gi acenou ao empregado. A mãe disse-lhe “Espere um pouco, por favor”.

Mas o empregado interrompeu-as com “Era a continha?”, e voltou pouco depois com um talão que parecia uma língua a desenrolar-se por ali abaixo, por azar no momento em que a mãe, agarrando-se ao cachecol, ia a dizer “Seu pai”.

“Essa é a continha? Nossa!”, disse a Gi, analisando o descritivo.

A mãe é que já se irritava, começava a rir de atrapalhão e a repetir “Seu pai”.

“Mas isso é um roubo!” A Gi estudava a conta de alto a baixo enquanto o empregado a espreitava por cima do ombro, decerto irritado por ela destoar dos outros clientes e por falar alto.

Lia o último item da conta, cento e vinte escudos por um croissant, quando a mãe se engasgou entre sorrisos e lhe disse por fim “Seu pai morreu”.

A Gi foi reclamar a continha ao balcão e sentiu as pernas cederem-lhe sob a memória de uma grande árvore a resvalar pela colina.

A mulher inclinou-se no balcão, excitada, com certeza à espera de que houvesse porrada para ser defendida pelo Néilson, mas o Leandro e o Grilo estavam tão bêbados que nem reagiram.

A caminho da Oficina, embalado pela bebida, pus-me a pensar que eu devia ser mesmo insignificante para ter sido rejeitado por uma machona que acabava numa cave, numa cidade como o Porto, por baixo de um parque de estacionamento que nem sequer oferecia serviços de lavagem.